

BOLETIM SOCIAL

DE TRABALHADORES DA TEBE PARA TRABALHADORES

C. M. B. BIBLIOTECA

TEBE

Director honorário:

M. CAMPOS HENRIQUES

PROPRIEDADE DO CLUBE DESPORTIVO DA TEBE

Redacção e Administração: Campo 5 de Outubro, 39—R/c

Composto e Impresso na Tipografia «VITÓRIA»—BARCELOS

Editor: João Baptista Cândido da Silva

Director: ANTÓNIO BAPTISTA

Redactores: Joaquim Rodrigues e Eduardo A. da Silva

Amizades, amigos & outras loucuras mais

« CONSIDERAÇÕES DUM LOUCO »

Não as tomeis a sério, dar-vos-iam noites de insónias prolongadas. Considerai-as, portanto, palavras dementes, escritas por um doido, ao longo dum mundo irreverente e, tantas vezes, injusto.

(O que ldes ler é mera fantasia do autor; mas pode encarar-se à luz de todas os dias em todas as latitudes do mundo).

O mundo dos homens, num ritmo veloz de delírio, caminha para o abismo da falsidade, da intriga, da injustiça e da mentira.

O desejo do triunfo imediato e o apetite de glória leva o homem vil e traiçoeiro a servir-se de todos os embustes e traições para conseguir desalojar ou inutilizar de vez o seu amigo de ontem, o seu Amigo...

Quando um amigo de ontem nos apunhá-la hoje, e quando um amigo de há pouco nos escarra nas costas, o dilema de momento abrir-se-á num prurido nauseante, tornando-se insuportável à distância...

Mas para remediar o mal, o mundo dos homens senhores, tem de encarar os problemas com a justiça sensata, com equilíbrio humano, procurando penetrar nas causas remotas e imaginar as consequências futuras... E só assim, no meio desta loucura de frases, se encontrará o ferro em brasa, que curará de vez as feridas ruins, que, infelizmente infectam a vida...

Não devemos, caríssimos leitores, acreditar em toda a peçonha que nos vendem nem repelir toda a piedade que nos oferecem.

Saibamos ser justos e humanos, saibamos compreender as causas que levam tantos homens, aparentemente nossos amigos, a amesquinhar-nos um pouco. Há um provérbio russo que diz: «Não podem caber duas espadas na mesma bainha, nem podem viver dois ursos na mesma caverna». Quer dizer: O desejo da derrota dum leva a alegria da vitória a outro.

Mas uma certeza fica da comédia charlatanesca dos que nos atraioam: A nossa dignidade ri; mas ri com a certeza perene do dever cumprido perante Deus e perante os homens. Por isso

(Continua na página 8)

MÁRIO CAMPOS HENRIQUES e o hospital da cidade de Pinhel

○ Snr. Campos Henriques, figura de relevo no meio industrial barcelense, levou a efeito, uma grandiosa jornada, em prol do hospital de Pinhel, conseguindo para o mesmo a simpática quantia de Esc. 30.000\$00 (trinta mil escudos).

Pinhelense de gema, amigo da sua terra, não queria deixar de mostrar a Pinhel que os seus filhos, embora longe, não sabem nunca esquecer-lá.

E assim, na festiva quadra do Natal, levou, o Snr. Campos Henriques, a Pinhel, um punhado de boas vontades de todos quantos souberam contribuir para a efectivação de um modelar hospital em Pinhel, que o mesmo é dizer, de mais um hospital em Portugal.

Em Pinhel, a população cidadina, tributou-lhe uma sincera e espontânea homenagem—A gratidão.

Consta-nos que a mesa da Santa Casa de Pinhel quer tributar a este benfeitor uma homena-



Ex.^{mo} Snr. Mário Campos Henriques

gem que se torne perpétua, pelo que, na altura oportuna, nos pronunciaremos sobre o assunto.

«Boletim Social da Tebe», porta-voz de todos os trabalhadores da TEBE, envia o seu cartão de parabéns felicitando não só o Snr. Campos Henriques, mas também todos os que, embora com sacrifício, quiseram associar-se a tão nobre missão.

Como Pinhelense e como muito amigo da minha terra não podia deixar de tributar ao Senhor Campos Henriques os meus melhores cumprimentos por esta simpática iniciativa.

Repórter K

A Carta e o Carteiro

BREVES APONTAMENTOS

Por Jorge William

○ desejo inato de comunicarmos os nossos pensamentos, as nossas dúvidas, as nossas desilusões, os nossos queixumes e as nossas incertezas, leva-nos, quase sempre, a escrever aos nossos entes queridos e amigos solicitando-lhes os seus conselhos e sugestões.

Porém, as cartas, podem ser comerciais, políticas, amorosas ou, simplesmente, familiares.

As primeiras, de puro interesse lucrativo, só devem ser condicionadas ao sentido restrito dum assunto de interesse imediato. Limitam-se à síntese do sentido e do interesse, e são, regra geral, breves e rápidas.

As segundas, concebidas e talhadas dentro de entendimentos combinados, por vezes cheias de subtilezas e embustes, levam, muitas vezes, um sentido ambíguo, que se perde ou se encontra nos bastidores das embaixadas.

As terceiras— as amorosas— foram as que mais deram que falar através de toda a história.

As cartas de amor foram escritas e inspiradas por fidalgos e plebeus, por generais e soldados, por rainhas e burguesas, por ricos e por pobres.

O povo, a massa anónima e simples, soube sempre dar-lhe colorido doce, terno, tão genuinamente latino e tão nosso.

O amor da nossa grei, que o mesmo é dizer da nossa gente, foi balbuciado em quadras simples, em redondilhas, em sonetos, em cartas, que hão-de permanecer desde ontem até sempre, como fiel caudal da inspiração de todas as literaturas, de todas as épocas, de todos os tempos.

Porém, o homem que entrega as cartas, o humilde carteiro, de fato cinzento, de bolsa de couro e de riso

Palavras do Ex.^{mo} Snr. Barbosa de Andrade, digníssimo jornalista do «Século»

— O que pensa do nosso Boletim?
— É magnífico, bem redigido e recheado de assuntos de palpitante interesse. É um jornal, enfim, que honra as letras portuguesas e o seu ilustre director.

Fazem anos no mês de FEVEREIRO, os nossos seguintes trabalhadores:

DIA 1 — Rosa Gomes Figueiredo.

DIA 2 — Domingos Gonçalves Fernandes.

DIA 3 — Antónia Gomes da Silva.

DIA 4 — Arminda da Costa Pereira, Maria Irene Gomes Ribeiro, Maria do Carmo R. Barbosa, Júlia Mendes Martins, Teresa da Silva Andrade e João Gonçalves Duarte.

DIA 5 — Maria dos Anjos Monteiro Gonçalves, Maria de Jesus Araújo e Margarida dos Santos Ferreira.

DIA 6 — Abílio Duarte Ferreira Pedras.

DIA 8 — Ana Miranda Rodrigues.

DIA 9 — Maria Helena Barbosa Pereira.

DIA 10 — Maria Celestina Terroso Lima.

DIA 11 — António Luís Neiva Veloso e Teresa de Jesus Linhares Soares.

DIA 12 — Maria da C. Lopes Alves.

DIA 13 — António Felgueiras e Ana da Silva Gonçalves da Costa.

DIA 14 — Maria Teresa Magalhães Faria.

DIA 16 — Glória Lopes Correia, Maria Júlia Ferreira Carvalho e João Passos Ribeiro Novo.

DIA 17 — Maria da Glória Oliveira Coelho, Rosa da Costa Senra e Maria Judite C. Miranda.

DIA 18 — Palmira Ferreira Pedras e Maria Angelina C. Salgado.

DIA 19 — Ilda Ferreira da Silva e Carolina Fernandes Ribeiro.

DIA 20 — Maria do Carmo da Silva Coelho, Júlia Sá da Silva e Maria Amélia Garrido.

DIA 21 — Maria do Carmo Pereira Araújo, Julieta da Silva Martins e Maria Justina G. Ramos.

DIA 22 — Maria da Costa F. Borges e Deolinda Simões de Araújo.

DIA 23 — Rosa da Conceição C. Lopes, Veríssimo Alves da Silva, Maria Acácia Fernandes Durães e Zulmira Ferreira da Silva.

DIA 24 — Leopoldina Augusta Ferreira, Maria Real Ribadas e Maria Olímpia Martins Gomes.

DIA 25 — Maria Vergelinda Carvalho Rodrigues, Maria Isolina Dantas Correia, Marcelina da Conceição Peixoto Novais e Teresa Ferreira Ribeiro.

DIA 26 — Maria Emília Magalhães Faria, Maria Emília Soares da Silva, Teresa Ferreira Ribeiro e Maria da Glória Fernandes Carvalho.

DIA 27 — Maria Cristina da Silva e José Ricardo Lourenço.

DIA 28 — Idalina Lemos Rodrigues da Silva, Augusto da Silva Lomba, Maria Amélia Moreira, Ana Lopes Fernandes e Laurinda Abreu da Silva.

Mensais

Completam anos também os nossos seguintes assinantes:

DIA 4 — D. Maria de L. B. Carneiro.

DIA 10 — D. Rosalina Pires Freitas.

DIA 17 — Mário da Silva Freitas.

DIA 20 — Eduardo António da Silva, nosso colaborador.

A todos os nossos melhores cumprimentos.

cansado, é o mensageiro (quantas vezes sem o adivinhar) das alegrias e das tristezas, dos nascimentos e dos lutos.

Toda a gente aguarda o carteiro com certo interesse, principalmente as mães e as esposas, que têm os filhos ou os maridos nas mais diversas latitudes do Globo vivendo na luta titânica pela existência a ganharem o pão sagrado, bem filho dum esforço, que só nós, os que trabalhamos, sabemos bem compreender e sentir.

O carteiro merece bem o nosso carinho, o nosso respeito e a nossa admiração... É ele que nos entrega a carta amiga da nossa querida mãe; é ele que nos oferece as Boas Festas dos que ainda de nós se lembram...

Mas se é ele que nos oferece a alegria e o amor com a carta amiga da nossa mãe ou da nossa esposa... é ele, também, — cruel destino! — que nos entrega a carta infame, a carta anónima, do homem sem ca-

rácter e sem dignidade que não sentiu coragem para assiná-la, talvez porque não tinha argumentos para defendê-la e defender-se.

É ele, o pobre carteiro, que, da mesma maneira, num mesmo destino, num maço de alegrias e de encantos, entrega, ignorando, a mensagem vil do homem cobarde que, refugiado na sombra, espalha, quantas vezes, a dúvida e a discórdia nos lares e nas famílias...

Só os homens mesquinhos, os entes dúbis e fracos, ousam escrever essas cartas, que a justiça dos homens não consegue deter...

Há os que as rasgam. Outros porém, fracos ainda, vencem-se por elas... e outros, impotentes, acreditam tantas vezes nelas...

Tudo se mistura e se confunde no interior duma pobre saca de couro: O amor e o ódio, o perdão e a vingança, o nascimento e a morte, a alegria

Tribuna do Trabalhador

NOITE DE NATAL

A neve começava a cair por entre os telhados velhos daquela rua tristonha e sombria.

A rua estava deserta: apenas um ou outro retardatário caminhava apressadamente em direcção a casa.

Era noite de Natal. Ao cimo daquela rua íngreme existia uma pequena casa já deteorada pelo tempo: habitação humilde onde outrora albergara uma família numerosa e que hoje se limita única e simplesmente à mãe e ao filho — todos partiram para nunca mais voltar.

O filho, um mocetão de vinte anos, era sem dúvida o enlevo da mãe e a velha mãe o enlevo do filho.

Sentada ao canto da lareira, acusando o peso dos anos, lá estava esperando a pobre mãe por o único ser que a prendia à vida.

Noite de Natal! Noite de alegria, noite de tristeza!

Enquanto na casa do vizinho havia festa e harmonia, ela de alma desfeita e coração a sangrar, recordava com saudade o tempo em que a sua casa era um ninho de pequeninos que o seu bondoso coração acarinhava.

As lágrimas começavam a cobrir-lhe o rosto enrugado quando o filho entrou.

Naquela altura já era feliz, pois tinha a seu lado o companheiro há tanto tempo ausente.

A mãe com os seus lábios trémulos cobria o rosto do filho com um prolongado beijo.

Sentaram-se os dois ao pé da lareira. A noite está fria mas não havia neve que conseguisse gelar aqueles dois corpos milagrosamente rejuvenescidos.

— Minha mãe! Recordar é viver! Conte-me uma história daquelas histórias que me faziam adormecer, ao seu colo, nas longas noites de inverno.

— Meu filho, tu, um homem, queres ouvir histórias de fadas ou príncipes encantados?

e a tristeza, a desolação e a ruína...

Porém, trabalhadores da Tebe, que as vossas mãos calejadas e duras na luta pela existência se não maculem na vilania da carta infame, da infame carta anónima.

Contudo, a missão do carteiro, por vezes arriscada e dura, é uma missão nobre... é a missão ignorada de tantas incertezas e de tantas alegrias.

Respeitemo-lo na sua missão de saber cumprir o seu dever.

E as cartas continuarão a ser escritas e a ser entregues enquanto o homem existir e as civilizações não perecerem.

Barcelos — 1955

Pois vou-te contar a história mais linda da tua vida e que tu sempre desconheceste.

E conta: foi neste recanto pitoresco do Minho que Joaquim, moço de apresentação impecável, conheceu Júlia, rapariga forte, de blusa garrida e saia rodada.

Depois de algumas palavras trocadas ele fora a companhia dela durante toda a tarde.

Já o Sol se fazia esconder por entre os arvoredos mansos e belos da Senhora da Saúde quando se despediram e, assim, ficaram os dois unidos num só coração.

Ali, naquela capelinha, velha mas pitoresca, tinham ficado depositados aos pés da Virgem juras, promessas e planos traçados para um bom fim.

O tempo passara e o amor existente entre os dois jovens aumentara.

Até que um dia ficaram presos de uma vez para sempre pelos laços do matrimónio.

E, foi naquela capelinha onde tinham deixado ficar guardados todos os seus segredos, que eles subiram pela primeira vez os degraus do altar.

De olhos fixos na imagem da Virgem eles estavam ali a agradecer a graça que Ela lhes concedera.

Ele, rapaz trabalhador e cujas dificuldades da vida nunca lhe meteram medo, resolveu fixar residência em uma cidade próxima.

O óptimo recheio da sua nova casa dava sem dúvida um aspecto agradável e acolhedor àqueles que a visitavam.

Situada num dos pontos mais belos e centrais da cidade, ali enfrentava a vida de cara levantada e sorriso nos lábios, aquele casal que num momento vira a sua família aumentada — era o primeiro filho que acabara de nascer.

Joaquim sentia-se feliz ao ver que era pai e ao mesmo tempo em saber que a sua vida profissional progredia dia a dia.

Assim se lançara no meio e cativara a simpatia de inúmeras pessoas.

Certo dia, numa noite de Natal, o dever profissional chamou-o fora da sua terra.

Nunca mais ficava livre. "Esta de se aturarem fregueses"... dizia ele contrafeito.

As horas passavam tão depressa como a sua impaciência aumentava pelo regresso.

A hora da ceia aproximava-se. Tinha de partir.

Finalmente está livre.

O automóvel não acompanha o ritmo louco do seu desejo. Insiste com o motorista. Este, habituado aos perigos da estrada não quer ceder.

(Continua na página 4)



PÁGINA FEMININA

Medicina Elementar

Pela DOUTORA D. MARIA DA SOLEDADE PINHEIRO

A Infanta D. Maria

Por Maria Lúcia

FILHA do rei Venturoso, D. Manuel, Senhor da Guiné e de toda a conquista da Etiópia, Arábia, Pérsia e China, estava esta princezinha destinada a ocupar um lugar de relêvo na História de Portugal. Sua mãe D. Leonor de Austria, uma delicada beleza loura, viu-se obrigada a deixar o País, abandonando a filha pequenina, quando, viúva, à sua volta, fervilhavam intrigas e calúnias. Foi a princezinha entregue aos cuidados duma dama da côrte e quis o Destino cruel que os interesses do Estado e a egoísta vontade do povo, que só, passados 34 anos, ela voltasse a ver a mãe, quando, esta no fim duma vida de amarguras e desilusões, vem ao seu encontro a Badajoz, morrendo logo em seguida, mais enferma pelas saudades pungentes, que própria pela doença.

Ficou, pois, a princesa, desde tenra idade separada de sua mãe, mas, acarinhada pelo povo, admirada pela côrte, que, se lhe exaltava a beleza herdada da mãe, não lhe admirava menos as singulares virtudes e as altas qualidades de inteligência e saber. Como filha dum rei poderoso que era, não lhe faltaram pretendentes das mais ilustres casas reinantes da Europa.

Mas, uma vez mais, o Destino foi cruel, para esta princesa a quem nada faltava para ser feliz no casamento: coração bondoso, espírito culto, educação austera e dote fabuloso, tais eram as riquezas que o comércio com o Oriente, trazia a este pequenino reino.

Porém, as razões mesquinhas da política, ou os interesses da Coroa, um a um foram afastando esses projectos de matrimónio. Viu a pobre Infanta, ruírem os seus belos sonhos, desmoronarem-se os mais altos castelos que a sua mocidade architectara. Tudo lhe negou o interesse financeiro e a complicada diplomacia: nem o amor dum marido, nem a glória dum trono, nem a amizade consoladora de filhos. Os seus anseios de menina e moça, os seus sentimentos de mulher cheia de encantos a que os poetas se rendiam, a sua alma pura que os homens da Igreja louvavam, tudo foi esquecido, tudo foi desprezado ante os interesses do Reino e dos cofres reais. Porém, a Infanta D. Maria não chorou a sua desiludida mocidade, nem sepultou no Convento todas as suas altas qualidades. Pelo contrário, profundamente ilustrada, reunindo à sua volta mulheres como ela, amantes das letras e das Ciências, ela foi o primeiro exemplo de como a mulher sem perder os

OS MICRÓBIOS

PARA as operárias, e em especial para as de menor cultura, começamos neste número uma série de noções mais que rudimentares de medicina. O público a que se destinam guiou a profundidade das noções e a maneira de dizer...

Para principiar, falemos sobre «micróbios», palavra que todos conhecem e sabem que é «coisa perigosa».

Micróbios são seres vivos muito pequenos, invisíveis aos nossos olhos a não ser por meio de aparelhos especiais chamados microscópios. Existem em toda a parte, no ar, na terra, na água, em quantidades enormes. O nosso corpo, os objectos em que pegamos, os próprios alimentos que ingerimos estão cheios de micróbios. Foi um sábio francês chamado Pasteur quem descobriu a sua existência e chegou à conclusão de que eram eles os causadores de muitas doenças cuja origem até aí era desconhecida. Mas nem todos causam doenças — muitos são inofensivos e outros até úteis. Hoje só falamos dos primeiros — os das doenças, que nos rodeiam permanentemente, aos milhões.

Sendo assim, porque não adoecemos todos? Porque há pessoas que nunca estão doentes? Porque a natureza, felizmente, nos deu condições de resistência contra eles. Normalmente resiste-se bem às doenças causadas por micróbios, que se chamam «doenças infecciosas». Mas quando o organismo enfraquece por qualquer motivo — cansaço (que tanto pode ser produzido por trabalho excessivo como por desportos mal orientados), frio, alimentação defeituosa, preocupações, etc., as resistências diminuem e os micróbios atacam com mais facilidade.

Conheceis de nome muitas doenças infecciosas. Uma das principais, pelo número de pessoas atingidas e pelas consequências que traz, é a tuberculose. É causada por um micróbio chamado «bacilo de Koch». A pneumonia, a gripe, a febre tifoide, são doenças infecciosas. E há muitas mais, umas que toda a gente conhece, outras com nomes muito complicados...

É sabido que muitas delas se transmitem facilmente às pessoas que convi-

vem com o doente. Nisto consiste o «contágio», e dá-se porque junto dele o número de micróbios é sempre muito elevado.

Desde sempre se tem procurado combater as doenças, e uns remédios vão sendo substituídos por outros mais enérgicos. Hoje, no que diz respeito às doenças infecciosas, podemos considerar-nos felizes, porque temos meios potentíssimos de defesa: as sulfamidas, os antibióticos (penicilina, estreptomina, cloromicetina e tantos outros) as vacinas, etc.

Com estes conhecimentos compreenderéis a razão dos conselhos que tantas vezes vos dão:

1.º — Se os micróbios atacam os organismos enfraquecidos, é obrigação de cada uma não se deixar enfraquecer, cuidando da alimentação, evitando expor-se ao frio ou ao calor excessivos, escolhendo as roupas pelo que aquecem e não pela elegância, etc. A limpeza na própria pessoa, nas roupas, nos alimentos e objectos da cozinha, também evita a maior parte das doenças.

2.º — Se as doenças provocadas por micróbios são contagiosas, evitai o mais possível a convivência com pessoas doentes, que só devem ter junto de si quem as trata; sobretudo as crianças, cuja resistência à infecção é pequena, devem ser afastadas, não as deixando ir aos quartos e muito menos à cama dos doentes.

3.º — Havendo medicamentos tão eficazes, deveis recorrer ao médico ao primeiro sintoma de doença. Tratadas convenientemente logo de princípio, quase todas as moléstias se curam. Não vos deixeis guiar pelos conselhos dos vizinhos ou pelas opiniões das bruxas...

E, para terminar, só mais um conselho: evitai também o terror exagerado dos micróbios. Se seguirdes as indicações que vos deram, não sereis facilmente atacadas por eles. Não penseis também que todo o doente é um indivíduo de quem se deve fugir. Os velhos, principalmente, tem muitas vezes doenças que não contagiam. Por isso, antes de recusar a vossa companhia e o vosso auxílio a um doente, perguntai ao médico se o deveis fazer. Que o medo dos micróbios vos não faça esquecer o dever e a caridade.

seus encantos feminis, pode rivalizar com o homem em inteligência e saber.

Na sua casa, nos seus salões, recebia os poetas, os escritores, os artistas da época. A todos ouvia e aconselhava, dando com as

suas palavras um estímulo forte aos mais tímidos ou aos menos afortunados. Nessa pequenina côrte erudita onde a par das belas artes imperavam as mais altas virtudes, a Infanta D. Maria, esqueceu as penas

Concurso Literário TEBE

Patrocinado pela fábrica de Malhas TEBE e no desejo de intensificar o carinho pela cultura, atribuir-se-á um prémio pecuniário de Esc. 500\$00 (quinhentos escudos) ao melhor conto escrito por qualquer trabalhador (homem ou mulher com qualquer categoria) até 30 de Abril deste ano. O trabalho deve ser entregue, se possível, dactilografado. Porém, no desejo de não condicionarmos as melhores boas vontades, pedimos, ao menos, que nos seja entregue o original de molde a ser composto na tipografia sem demorada revisão. O trabalho a apresentar terá de ser um conto que foque, com determinada elevação, a obra social da TEBE.

O conto será assinado com um pseudónimo. Juntamente com o conto deverá ser entregue um envelope lacrado, constando no exterior o pseudónimo e no interior o verdadeiro nome do autor.

O Júri, nomeado para o efeito, pronunciar-se-á conforme local a designar.

Os originais devem ser entregues na redacção do «Boletim Social da Tebe», todos os sábados depois das 14 horas.

duma vida com um Ideal truncado, e no dizer da erudita D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos perdoa tantos e repetidos agravos, o desvanecimento das suas mais risonhas esperanças. Sem uma queixa, sem um reparo, com discreta reserva, põe termo a tudo. Renuncia a qualquer enlace: resolve ficar solteira e no reino, no meio das suas amigas, dos seus livros e dos seus pobres, entregue doravante às ciências e artes, a obras de caridade e cuidados religiosos».

Foi pois a própria Infanta que depois de contrariadas e desfeitos tão inúmeras propostas de casamentos, que numa resolução definitiva, assentou ficar solteira, não consentindo que lhe falassem mais em qualquer casamento ainda que fosse com o «Monarca do Mundo».

A sua vida de aristocrata dedicou-a pois inteiramente aos altos estudos, singulares nessa época para um vulto feminino a quem o mundo oferecia pròdigamente todo o conforto e todo luxo para uma vida fútil. Sem preocupações de família nem de política, podia esta princesa de Aviz, viver frivolamente, imperando com orgulho. O seu viver porém e a sua supremacia na còrte foi toda de ordem espiritual, pois aliava à cultura e à devoção religiosa as mais requintadas virtudes que enobreceram, em todos os tempos, a Mulher.

Há opiniões de sábios professores que afirmam ter sido a Infanta D. Maria, a única mulher verdadeiramente amada por Luís de Camões. Nada há que contradiga tal opinião como nada há que rigorosamente a confirme.

Seriam, realmente, dedicados a esta Infanta, alguns dos seus sonetos em que Camões maldiz a vida que tão cruelmente o faz sofrer, pois nunca a mais ténue luz de esperança lhe pode amenizar essa tortura de amar um ser inacessível à sua pobre condição tão distante dos degraus do trono em que uma princesa, desiludida, talvez compreendesse os seus anseios do coração. Um dos sonetos de Camões é este, onde talvez trace o retrato da Infanta, sentindo-se feliz por estar rendido aos seus encantos:

*Leda serenidade delcitoso,
Que representa em terra um paralso;
Entre rubis e perlas, doce riso;
Debaixo de ouro e neve, cor de rosa;*

*Presença moderada e graciosa,
Onde ensaiando estão despejo e siso
Que se pode, por arte e por aviso,
Como por natureza, ser formosa;*

*Fala, de que ou já vida ou morte pende,
Rara e suave,—enfim, senhora, vossa!
Repouso na alegria comedido:*

*Estas as armas são com que me rende
É me cativa Amor. Mas não que possa
Despojar-me da glória de rendido.*

Foi, enfim, numa vida de amor ao estudo, numa época de características tão profundamente cultas porque atingiu o maior brilho o Renascimento em Portugal, que a Infanta «Sempre Noiva» encontrou o Rumo dos seus passos que a política interesseira, constantemente alterava.

Morreu aos 60 anos, deixando uma vasta obra de assistência e devoção religiosa pois a ela se deve a fundação de inúmeros mosteiros.

Jaz sepultada humildemente na Igreja da Luz, em Lisboa, aquela que em vida foi a «Formosa-Mí-nerva».

Dr.ª D. Maria da Soledade V. Pinheiro

A nosso rogo, começa hoje, a dar-nos a sua valiosa colaboração a distinta médica barcelense, Ex.ª Snr.ª Dr.ª D. Maria da Soledade V. Pinheiro.

Inteirados das suas valiosas possibilidades de escrever e certos dos seus vastos conhecimentos científicos, inicia hoje, nas colunas do nosso «Boletim», a Snr.ª Dr.ª Soledade, um assunto de palpitante interesse e, de certo modo, oportuníssimo para a massa operária da TEBE, (*Medicina elementar*) — «*Os Micróbios*», que ela, numa modéstia que mais a distingue, propositadamente chamou elementar. Porém, parece-nos mais difícil, abordar assuntos de natureza científica com uma singeleza tal que, não receamos afirmar, hão-de conquistar, pelo interesse, o mundo ledor do nosso «Boletim».

Na qualidade de Director do «Boletim Social da Tebe» e em meu nome pessoal, desde já me confesso imensamente reconhecido por, embora com certo sacrifício de tempo, nos querer honrar com a sua cultura, levando ao lar da massa operária uma mensagem, que, pelo alcance social que tem, será querida e estimada, principalmente por aqueles espíritos dóceis e bons que foram afeitos na batalha dura da existência.

O sacrifício e o tempo que lhe absorvemos será compensado pelo bem, embora desinteressado, que fará a todas as almas ansiosas de levarem a bom termo a sua saúde e a dos seus.

Esperamos, portanto, que a sua pena e a sua inteligência, aliadas a um sentimento nobre, continuem a enviar a sua mensagem a todos os lares dos trabalhadores da TEBE e seus familiares, bem como a todos os trabalhadores portugueses.

Da Direcção do «Boletim Social da Tebe» aceite os seus respeitos e um bem haja muito sincero.

Sapataria e Tamancaria CUNHA

DE

V.ª de José Luís da Cunha

Uma casa honesta que vende barato para vender muito

Calçado para Homem, Senhora e Criança em todos os feitios a vários preços

Em BARCELOS — L. da Porta Nova

Corrigenda

Nos sonetos da última página onde se lê *num* deve ler-se *meu* e onde se lê *gana*, deve ler-se *garra*.

Francisco José de Faria Torres

O Ex.ª Sr. Francisco José de Faria Torres e sua Ex.ª Esposa, Dona Jean Caunt de Faria Torres estiveram, durante a festiva quadra do Natal, em Leicester (Inglaterra), regressando há pouco ao convívio da sua querida família barcelense.

Este digníssimo sócio e técnico da TEBE bem como sua Ex.ª Esposa percorreram as seguintes cidades da Europa: Burgos, S. Sebastião, Biarritz, Bordéus, Tours, Paris, Boulogne, Dover, Londres e Leicester.

«Boletim Social da Tebe» envia o seu cartão de cumprimentos.

Tribuna do Trabalhador

(Continuação da página 2)

Por fim, entusiasma-se com a ansiedade do freguês e o automóvel derrapa e despenha-se...

E assim perdeu a vida, aquele bom chefe de família que a imagem da ceia de Natal arrastara ao abismo.

E aqui termina, meu filho, a história que sempre desconheceste da vida de teu pai.

Escuta, ouço a voz do sino — é meia noite, está a nascer o Redentor do Mundo.

Meu filho, ajoelha e reza... E lá fora a neve continuava caindo lenta... compassada... serena... fria...

Era noite de Natal!

Dum trabalhador

Piadas com... barbas

Entre mãe e filho

Mãe — Zêquinha, tu sabes o que sucede aos meninos que aprendem a mentir?

Zêquinha — Sei sim, mamã... Andam no comboio com meio bilhete só.

A dona da pensão: — O senhor já me deve dois anos de renda. Tem de procurar nova pensão.

O hóspede: — O quê! Ir-me embora sem lhe pagar? Isso nunca.

Esta agora! Que demónio fazes tu aí encostado à tua porta? Porque não sobes para a tua casa?

— É que cheguei tarde, sabe, e minha mulher está lá em cima à minha espera. E eu, mal por mal, prefiro a chuva à trovoadá!

Maria: — Porque pensas tu que ele te ama assim tanto?

Margarida: — Porque me mostra todas as cartas que tu lhe escreves.

Num coreto ouve-se uma orquestra tocando...

Ti Zé — É bem bonita esta música!
Ti João — Mas aquele homem de pé porque está sempre a agitar as mãos?

Ti Zé — Não percebes nada! Está a enxotar as moscas, que andam à roda dos músicos.



Dirigida por Adriano Faria e Manuel de Sousa

Aniversários

COMEMORANDO o I Aniversário da sua oficialização e XIV da fundação — como agremiação popular — o Vitória Sport Clube de Barcelinhos esteve durante dias em festa.

Novos nas lides desportivas e na orientação de colectividades, os seus directores quiseram elaborar um programa de festividades que realçasse na colectividade.

Sobremaneira, teremos que felicitar os directores pelo poder de iniciativa que os acompanha, pois num ano de oficializados e catorze como popular, já fizeram muito, com este programa de festas.

E, se confrontarmos este programa e o do Desportivo de Barcelinhos, a quando as suas Bodas de Prata, — a que fizemos referência no número anterior —, ficaremos perplexos entre um e outro, duvidando qual o clube de maior projecção.

Contudo, não deixaremos de fazer uma análise e comentários precisos ao programa, colocando algumas coisas nos seus devidos lugares.

Na verdade, coisas houve que ficaram deslocadas, quer por desconhecimento, precipitação ou má orientação.

Assim, adquirido o estandarte e a Sede, era conveniente, — desde que na Sede houve diversos festejos —, que as bênçãos tivessem lugar no primeiro dia de festas e não reservar para o último como se verificou. Deste modo, o desfile dos estandartes dos clubes desportivos e Grupos Recreativos 20 amigos, convidados para a bênção daquele estandarte e romagem de saudade, deveria ter sido realizado nesse primeiro dia. Outro tanto não se poderá chamar prova de Corta-Mato a uma corrida pedestre em estrada sem qualquer obstáculo.

Pena foi que o programa de guitarradas tivesse ficado sem efeito, pois atendendo à categoria dos executantes, seria escutado com o maior agrado.

Do torneio de Ping-Pong e bailados não falaremos.

Uma especial referência vai para a iniciativa do jantar de confraternização que teve a caracterizá-lo a presença de diversas individualidades e autoridades, expressamente convidadas, as quais aos brindes enaltecem as facetas da colectividade.

Assim é que são as grandes iniciativas de organização.

Errare hominum est e, desculpando todas estas trocas, verificamos que o programa, na sua devida ordem, seria bom, mas temos que incitar os seus directores a integrarem-se, não com altas cavalarias,

OQUEI EM PATINS

ACABOU O DEFESO

NO passado dia 16, abriu oficialmente a Época de 1955 de Oquei em Patins com um festival em Lisboa, e durante o qual foram entregues os prémios aos diversos vencedores nos torneios e campeonatos Federativos.

À guisa de comentário, apenas uma pergunta:

«O Parede sempre foi Campeão Nacional da II Divisão?»

Se foi, só nos resta emitir o Mestre e dizer como Ele:

—«Perdoai-lhes Senhor que não sabem o que fazem...»

E quando tocar a rebate, o mal não terá remédio!...

Portugal, até ao momento em que escrevemos estas linhas, não tem seleccionador de Oquei em Patins.

Sidónio, deixou o cargo...

Emídio, foi convidado oficialmente e não aceitou porque... não quis.

Depois, vem a Federação indignada dizer que Emídio não tinha sido oficialmente convidado, talvez para atenuar os efeitos daquela recusa.

Emídio Pinto, em carta publicada num jornal desportivo, confirmou o convite oficial para Seleccionador Nacional.

Francamente, não sabemos o que pensar de tudo isto.

No entanto, temos a certeza de que uma grande parte da Família Oquista não reza pela mesma cartilha dos «Altos Comandos».

Portugal tem de continuar a manter brilhantes os louros que foram conquistados à custa de muito esforço e muita persistência.

Mas para isso é necessário que as nuvens de desconfiança que pairam sobre a Família Oquista, sejam afastadas a tempo.

Senão for assim, quando tocar a rebate já o mal não terá remédio!...

Fernando Sousa

mas sim com obras no desporto para que a colectividade foi fundada, enobrecendo-o em todos os pontos necessários para progresso do mesmo, do Clube e da terra que lhe é berço.

A. Faria

NACIONAL DA II DIVISÃO

Vamos caminhando para o final do campeonato.

As posições vão começando a definir-se, mas teremos muito que ver e presenciar.

Aguardemos os acontecimentos e tenham cautela os clubes, que dentro de algumas jornadas, já se poderá dizer em definitivo quais os clubes que passarão à poule final.

*

Em Barcelos, o Gil Vicente bateu o União de Coimbra por 2-1.

Bom jogo e resultado certo.

*

A vitória em Espinho com o grupo local deparava-se difícil para o grupo de Barcelos.

Contudo, os gilistas impuseram-se no terreno e saíram vencedores por 2-1.

Boa proeza do grupo barcelense.

*

Foi uma surpresa o resultado de Barcelos com os Leões.

A equipa esteve muito abaixo das suas possibilidades, com uma defesa incerta.

Os Leões venceram bem por 3-0

Pê Efe

Factos e curiosidades desportivas

Coordenadas por Luís Alves

Sua Alteza Copi

Todas as vezes que, o campioníssimo Italiano Fausto Copi corre em alguma prova, leva consigo 7 acompanhantes, que são: 1 director desportivo da Bianchi, 2 técnicos da equipa, 1 mecânico, 1 médico e o massagista Cavauna, o cego.

Um autêntico séquito «real».

O Cabecinha

Baltazar, o famoso avançado-centro do «quadro» brasileiro, conhecido pelo «Cabecinha» antes de algum desafio de importância, quebra um copo porque, diz ele, dá-lhe sorte.

O futebol e a música

Entre os onze artistas da magnífica equipa de futebol húngara, há dois que são artistas... noutra campo: Zakarias que é cantor na Ópera de Budapeste e Czibor é um pianista de grande talento.

Jean Boitcaux

Assim se chama o famoso nadador gaulês que com 19 anos ostentava no seu já magnífico palmarés os recordes europeus de 4x200, 400, 800 e 1.500 metros, o mundial dos 4x200 metros e o olímpico dos 400 metros.



HERMENÊUTICA DA VIDA

Pelo Dr. Mário Gonçalves Viana

DEVEMOS ser transigentes ou intransigentes? Eis aqui um problema, que merece ser ponderado, e cuja excepcional importância pouca gente tem entrevistado.

A vida (seja ela de que natureza for) tem de se subordinar a uma destas duas atitudes: *Transigência* ou *Intransigência*.

Daqui, não há que fugir. O homem todos os dias, e em todas as profissões, se vê forçado a assumir responsabilidades, aceitando as ideias e as vontades dos outros, ou reagindo contra elas.

Há certas pessoas que se julgam detentoras exclusivas da verdade, e por isso nunca transigem, seja qual for a sua posição. Por mais que se demonstre a sem-razão ou inoportunidade do seu procedimento, elas não cedem, em nada. Teimam, insistem e persistem. Afigura-se-lhes que transigir é uma indignidade, e obcecados por essa ilusão, não cedem nem uma polegada do seu terreno!

Muitas vezes, este espírito de intransigência é resultante de uma nobre e sincera convicção. Mas, na maioria dos casos, é um acto de teimosia, um capricho da vaidade ou um erro de visão.

Os esposos que — dentro de um lar — querem manter, caprichosamente, as suas vontades e as suas opiniões, são vítimas deste espírito exclusivista. Diz o provérbio, e com verdade, que *duro com duro nunca fizeram bom muro*. Se o marido quiser viver exclusivamente a seu modo, e se a mulher teimar em, outro-sim, não condescender na mínima coisa — será a luta perpétua dentro do lar! Se nenhum dos cônjuges quiser ceder, não haverá uma hora de paz, em casa! Serão tudo lágrimas e queixas! Dar-se-á o choque perpétuo, de duas vontades inflexíveis, de duas forças inquebráveis. Nenhuma procurará adaptar-se. Cada uma quererá impor à outra, a sua concessão de vida, e a sua verdade!

Ora semelhante atitude contitui um erro. *Viver é transigir*. Nós temos, todos os dias e a todas as horas, de transigir com as dolorosas realidades da existência: temos de aceitar as situações que nos impõem, porque não há independência absoluta, nem social, nem profissional, nem económica.

Transigimos, em pequenas transigências, é certo, mas transigimos, dia a dia, com o padeiro, com o leiteiro, com o merceiro, com o relojoeiro, com o marceneiro, etc. Uns vêm fora da hora, outros faltam aos seus compromissos; e nós curvamo-nos, e aceitamos os factos...

Por que havemos de ser intransigentes, até ao máximo, na vida familiar, social, literária, ou profissional?

Guerra Junqueiro

UM dos nossos poetas mais conhecidos é sem dúvida Guerra Junqueiro, não tanto pelo valor ou pelo número das suas obras, como talvez pela violência dos sarcasmos, que abriram brechas profundas nas crenças mal seguras dos fins do século XIX. Tudo quanto fizera grande o Portugal de outrora: a religião, a monarquia, a autoridade, os costumes e tradições austeras das famílias nobres, tudo, este grande poeta, ridicularizou, rebaixando numa linguagem musical e violenta, até ao nível mais hediondamente abjecto. Nem a Igreja nem a Pátria, nem o Rei, nem o Povo, ele, respeitou. Com uma irreverência arrogante e impúdica, satirizou, sem escrúpulos, em versos de musicalidade maravilhosa, cheios de imagens arrojadas, a sociedade contemporânea. Tem duas épocas distintas na sua vida de escritor fecundo. Uma, as suas poesias, assemelham-se a um mar revolto, de ondas encapeladas, e violentas, que tudo destroem estrondosamente. Porém, esse tumultuar medonho, das vagas em fúria, é resplendente de leves espumas brancas, com revéberos prateados e cintilantes de luz e maravilha. Assim são as suas poesias, em versos alexandrinos da Velhice do Padre Eterno, da Morte de D. João e da Pátria.

Temos outra fase, porém, na vida do poeta, fase contemplativa, nostálgica, lírica, impregnada do mais suave romantismo, inundada de luz, fulgurante de beleza plácida, são muitas das suas produções dos Simples, e de as Orações.

Há chefes que não admitem um erro aos subordinados. Há subordinados que pretendem que os chefes sejam perfeitos como deuses! Há pessoas que se aferiram a um critério, e daí nunca mais saem:

— Eu é que estou dentro da verdade!, gritam. Por isso, não cedo!

Mas poderá atingir-se a perfeição absoluta? E haverá, realmente, a Verdade pura?

A intransigência é uma atitude que leva à luta, à rebeldia e à oposição. De intransigente a conflituoso, vai um passo.

Não quer isto dizer que se seja transigente até à fraqueza, à subserviência e à cobardia. O Verdadeiro segredo, da boa e sã filosofia da vida, encontra-se no meio termo.

Nem é de aconselhar a intransigência obstinada e fanática, nem a transigência apática, servil, medrosa e maleável: nada existe absoluto, neste mundo; tudo é relativo.

O emprego inteligente destas duas atitudes, é o sistema mais recomendável e mais sensato.

A sua obra, agora, já não é o mar turbulento com as águas alterosas espumando em ódios, é, antes, o mar sereno, das tardes cálidas de Verão, coberto de reflexos doirados dum sol poente. Nestes versos há humanidade, há vida real, há a beleza das coisas simples; as recordações da Infância, os velinhos curvados, as orações cheias de fé, a vida que palpita na flor, no esvoaçar da ave, no riso da criança. Os seus primeiros versos eram clarins de guerra ameaçando de morte, os versos que se lhe seguiram tinham a música serena do regato límpido que rumoreja por entre prados de boninas.

O nome de Guerra Junqueiro não pode ser esquecido por quem ame o ritmo cantante da língua portuguesa.

Bastam poucos dos seus versos para lhe consagrarem, através das gerações, o nome dum dos maiores poetas de Portugal. Pena foi que, tanto talento, fosse desbaratado em motivos obscenos e imundos, tantas vezes.

Nasceu Abílio Guerra Junqueiro em 1850, em Freixo-de-Espada-à-Cinta, na província de Trás-os-Montes. Em Coimbra, formou-se em direito. Devotou-se algum tempo à política e foi eleito deputado em 1878. Foi inimigo intransigente do rei D. Carlos.

Já no tempo da República em 1911, foi ministro de Portugal na Suíça. Os últimos anos da sua vida, viveu-os longe do bulício, silencioso. Morreu em 7 de Julho de 1923.

Palavras insuspeitas, porque sinceras, dum escritor bem conhecido

O Ex.^{mo} Snr. Dr. Manuel de Campos Pereira, primo do Snr. Campos Henriques enviou há tempos um singelo cartão, escrito no meio dum mundo de papéis e de códigos — (pois é, também um distinto advogado) — em que se liam apenas estas palavras:

«Com um grande abraço de agradecimentos pelo envio do «Boletim Social da Tebe» que merece felicitações».

Campos Pereira

O homem intransigente, que quer sempre vencer, e levar a sua ávante, ilude-se a si próprio.

Às vezes, é mais intransigente aquele que parece transigir, do que o Quixote da intransigência pura. O homem prudente e verdadeiramente sábio encara a vida de frente, e sem fanatismo. Espera as oportunidades, verga-se hoje para se endireitar àmanhã.

MÚSICA

Por HUMBERTO D'AVILA

(Continuação do número anterior)

E — com o seu esforço para resistir ao meio — a sua luta contra a natureza. Desta sua periclitante situação perante o mundo físico, o temor do desconhecido infiltrou-se no seu ânimo passivo. Os primeiros fenómenos religiosos aparecem. Religiosos, propriamente, não — a principio; só mais tarde se pode falar de religião. Mas o que importa é que desde as mais rudimentares manifestações psíquicas, o homem sentiu a necessidade de exteriorizar, representar, de qualquer maneira, os seus difusos sentimentos. E os meios de que se serviu para isso, uma vez vencido o complexo de emoções que ia agora

diferenciar qualitativamente, foram incontestavelmente e por sua ordem, a música e as artes plásticas.

O mais espontâneo e natural, a que pôde recorrer, terá sido o primeiro, sem dúvida, por já vir de muito atrás. Acho bem que bater, com um ritmo constante, uma pedra sobre outra, é já música instrumental. Não quer pois aquilo dizer, como se poderia julgar precipitadamente, que a música tenha tido uma origem metafísica; ou, inclinando o plano: que tenha tido origem na prática da magia, como quer Combarieu. Ela tem raízes mais fundas e, se nos quisermos aproximar, temos de ir muito longe,

antes, ainda talvez de se começarem a empregar os primeiros instrumentos de trabalho.

A paráfrase de von Bülow, "ao principio era o Ritmo", não pode parecer exagerada. De facto, o ritmo, na sua forma binária ou ternária, é factor principal de toda a vida: o movimento das marés, o renovar das estações, a translação dos astros, a própria concepção pitagórica do universo... E a música outra coisa não é, no fundo, senão a variação da altura do som disciplinado pelo ritmo. Nesta tendência rítmica, tendência inata do homem, é que a música, parece-me, pode ter tido origem. Wallaschek sustenta isto mesmo na sua *Primitiv music*.

Qual, porém, terá aparecido antes: a música vocal ou a instrumental? As opiniões divergem, e é um problema ainda não resolvido. A teoria mais geral e mais aceite é a da música vocal haver precedido a instrumental. Wallaschek e Wagner por

sua parte, defendem exactamente a teoria contrária. E é esta que, a despeito de tudo, me parece também a mais provável.

Para o estudo dos problemas do primitivismo, tem-se observado as crianças e os selvagens dos nossos dias, pois, por eles, embora com as restrições que lhes põem alguns, podem aferir-se as reacções do homem primitivo. Pergunto: como se dará a primeira manifestação musical na criança?

Sabe-se que, depois dos primeiros meses, a criança já começa a distinguir os sons em sua volta. Mais do que a distinguí-los, a percebê-los. Mas ela, noto, escutará com indiferença uma ária que se tocar num violino. Bata-se, porém, com um objecto duro num tampo duma mesa próxima: ela imediatamente prestará atenção, os olhos voltam-se para o ponto donde o ruído provém.

(Continua no próximo número)

PAINEL PUBLICITÁRIO

Casa do Café

COM

FÁBRICA DE TORREFACÇÃO

Especialidade em
CAFÉS, CEVADAS, CHÁS
e todas as ESPECIARIAS.

O aroma do café da CASA DO CAFÉ
tem perfume... abençoado café.

Preferi-lo é ter um paladar requintado...

Em BARCELOS na

Rua D. António Barroso, 61-63 — Telefone 8390

Sametil

Um medicamento
ao serviço da pele...

Em liquido e em pó

Vende-se nas melho-
res farmácias

Casa de Móveis TELES

NA

Av. Dr. Oliveira Salazar
BARCELOS

A casa que vende mobílias
dos mais variados estilos.

Óptimo acabamento.

Finíssimo bom gosto.

Tudo para menage...

Seus sapatos duram mais...

Seus pés cansam menos...

Com calçado da

CASA CUNHA

DE

FÉLIX LUÍS DA CUNHA

Pois que levam as cinco letras mágicas:

- C — confortável no interior
- E — elegante nas suas linhas
- L — leve como uma pluma
- S — suave no andar
- O — óptimo no preço

João Gonçalves Martins

Um nome ao serviço das conceituadas águas

: Vidago, Melgaço & Pedras Salgadas :

Agente da conhecidíssima Companhia de Seguros

« A MUNDIAL »

Em frente à Estação do Caminho de Ferro — BARCELOS

Amizades, amigos & outras loucuras mais

(Continuação da página 1)

sou louco... sim! Um louco com juízo. Não temo os inimigos nobres, os que, não escondem o seu ódio; temo sim os falsos amigos. Mas já Diógenes afirmava: «Analisa bem quem é teu amigo, porque se o consideras como sendo-o, e ele o não é, pode ser o teu pior inimigo».

Portanto a maldade e a intriga já são de há muito. A incompreensão dos homens, até nos problemas mais íntimos, macula a verdade, macula a justiça, macula o direito.

Não é imoral cantar a vida, cantar o amor, cantar a formosura; mas é imoral cantar a mentira, a cobardia, a ingratição, a injustiça e a traição... Sim! A verdade só é tangível depois de descoberta a mentira... e esta aflora à superfície, num cenário de recordações, tal como o ressurgimento dos fenómenos psicológicos, que nos põe em contacto com o peso dum segredo que prejudica a percepção da alma aos grandes problemas sociais do meio ambiente.

E assim nos é revelado, na penumbra duma confissão consciente, humana e necessária, a série de fenómenos que se debatem há muito em trincheiras opostas: *Mentira e verdade*.

A filosofia diz-nos «que a causa dum fenómeno é ainda outro fenómeno ligado ao primeiro por uma relação bem fixa

e determinada, de modo que um seja para o outro condição necessária e suficiente da sua aparição, ou, como lhe chamou Stuart Mill: o seu *antecedente incondicional*».

A acção especulativa de dizer mal para maldizer deste ou daquele, sem uma razão fortíssima a imperar, de momento, na actuação, só pode levar o homem mesquinho e mau a um *determinismo infame; o da injustiça*.

O que poderá acontecer desse determinismo infame? Dessa actuação de homem ruim? Arrastar-se na queda, levando com ele todo um conjunto de seres, afeitos e treinados para a dinâmica social, que o mesmo é dizer: Destruição de valores produtivos...

E o mundo caminha ao lado de homens bons e maus, de justos e injustos, leais e traiçoeiros e o grau de certeza da mentira e da verdade, do bom senso e do desequilíbrio de cada um, só pode e deve ser encarado à lei da lógica e de meditada justiça.

Nem sempre é de fiar em tudo que se diz, porque nem sempre se diz o que a mentira esconde...

N. B. — Estas palavras dum louco, não são dirigidas a ninguém em particular, mas a todos os homens, nossos companheiros desta aventura da vida.

Ignotus

E se falássemos de:

JARDINS SUSPENSOS

Por F. Correia

DÓS, amigos leitores, que conheceis um pouco de história antiga, lembrais-vos, certamente, da Babilónia, que foi a cidade mais célebre da Caldeia pela riqueza, pelo prestígio e pela civilização. Muitos séculos antes de Cristo, possuíam já os seus habitantes um extenso código, em que se estabeleciam normas sobre a organização da família, o serviço militar, o comércio, a propriedade, o trabalho, a justiça, a punição dos maus e dos opressores dos fracos, código gravado em rocha eruptiva, denominada diorito. Não admira, pois, que em país de tão adiantada civilização, o tino administrativo e a arte se irmanassem.

Pois foi na Babilónia, a cidade das cem portas de bronze e das torres quadradas, que uma personagem lendária, a rainha Semiranes, mandou

construir os celebrados «Jardins Suspensos da Babilónia» — altos terraços povoados de plantas exóticas, trazidas dos pontos mais longínquos do mundo — que maravilhavam pela magnificência e pelo assombroso esplendor e que a História imortalizou.

Com o decorrer dos séculos — na Natureza tudo se transforma — também estes jardins foram sofrendo rudes transformações e foram-se vulgarizando. Hoje ouvimos falar deles a cada passo, como se possuí-los, mesmo reduzidos a alguns cacos com plantas, colocados nos beirais, constituísse uma espécie de diferenciação para a prosápia de quem afirma ter também o seu jardim suspenso...

A vulgarização e a transformação, porém, foram ainda maiores nos grandes centros populacionais. Eles sobem e descem as longas avenidas,

Os melhores versos dos melhores Poetas

I

Ditando para a Campa

*Sobranceiro ao poder e às leis da sorte,
Amor ouviu meus ais, cumpriu num gosto;
Já, já sinto nos olhos, peito e rosto
A névoa, as ânsias, o suor da morte.*

*A terra mão piedosa me transporte,
E depois que em sepulcro mal composto
Der ao frio cadáver frio encosto,
Estes versos, por dó, na pedra corte;*

*«Aqui se esconde Elmano; alegre estado
Algum tempo deveu à amiga estrela,
Foi de Armia amador, de Armia amado;*

*Desuniu duro caso o triste e a bela;
Viver sem ela lhe ordenava o Fado;
Quis antes o infeliz morrer por ela!»*

Bocage

II

Pálida e Loira

*Morreu. Deitada no caixão estreito,
Pálida e loira, muito loira e fria,
O seu lábio tristíssimo sorria
Como num sonho virginal desfeito.*

*— Lírio que murcha ao despontar do dia,
Foi descansar no derradeiro leito,
As mãos de neve erguidas sobre o peito,
Pálida e loira, muito loira e fria...*

*Tinha a cor da rainha das baladas
E das monjas antigas maceradas,
No pequeno esquite em que dormia...*

*Levou-a a morte na sua gana adunca!
E eu nunca mais pude esquece-la, nunca!
Pálida e loira, muito loira e fria.*

António Feljó

entram nos cafés, nos salões de chá, nos grandes e pequenos estabelecimentos, movem-se, em suma, nos sentidos mais diversos. Redondos, quadrados, fusiformes, longos ou curtos, geométrica e equilibradamente perfeitos nas suas bizarras formas e feitios. As mais belas flores e as mais raras espécies ornamentam esses jardins delicados: a singela rosa, a altiva tulipa, a cândida e triste violeta, o amor-perfeito, sempre estuante de cor, as gardénias, as glícínias e tantas outras flores, concertam-se numa policromia grácil que um leve e, por

vezes, estonteante perfume acaricia. E eles passam, altivos, serenos, exóticos, artísticos...

É que esses jardins suspensos ornamentam hoje lindas cabeças de mulher, que os chapeleiros criaram, para que o belo fosse para nós, que o amamos, mais belo ainda.

E nós, mirando-os embebecidos e sentindo a atracção do seu perfume, ficámos-nos a cogitar como, tantos séculos depois, os «Jardins Suspensos da Babilónia» foram sacrificados às exigências da moda...

VISADO PELA CENSURA